

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA
3 e 10 de agosto de 2024

IF... / 1968 (Se...)

um filme de Lindsay Anderson

Realização: Lindsay Anderson / **Argumento:** David Sherwin, segundo o argumento "Crusaders", de David Sherwin e John Howlett / **Fotografia:** Miroslav Ondricek / **Direcção Artística:** Jocelyn Herbert / **Montagem:** David Gladwell / **Música:** Marc Wilkinson / **Intérpretes:** Malcolm McDowell (Mick Travis), David Wood (Johnny), Richard Warwick (Wallace), Christine Noonan (a rapariga), Rupert Webster (Bobby Phillips), Robert Swann (Rowntree), Hugh Thomas (Denson), Michael Cadman (Fortinbras), Peter Sproule (Barnes), Peter Jeffrey (director), Anthony Nicholls (General Denson), Arthur Lowe (Mr. Kemp), Mona Washbourne (matrona), Mary MacLeod (Mrs. Kemp), Geoffrey Chater (capelão), etc.

Produção: Lindsay Anderson e Michael Medwin / **Cópia:** Digital, cor e preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português, 110 minutos / **Estreia Mundial:** Londres, em 19 de Dezembro de 1968 / **Estreia em Portugal:** cinema Apolo 70, em 8 de Novembro de 1974 / **Ante-Estreia** no XI Ciclo da Casa da Imprensa, cinema Império, em 17 de Julho de 1974.

A sessão de dia 3 tem lugar na Esplanada

If... é o filme mais famoso de Lindsay Anderson, um dos nomes mais representativos, como teórico e realizador, do que foi chamado de "free cinema", o movimento que em Inglaterra correspondeu à "nouvelle vague". Como crítico e teórico devem-se-lhe alguns textos importantes publicados no pós-guerra e ao longo da década de 50, entre os quais se destaca o seu celebrado trabalho sobre John Ford. Como cineasta começou desde logo a expor as suas concepções de cinema numa série de curtas-metragens, primeiro a "solo", depois em colaboração com Karel Reisz, Tony Richardson e outros "compagnons de route", de que resultaram alguns dos mais expressivos exemplos das primícias do movimento: **O Dreamland** (1953), **Thursday's Children** (1954), **Every Day Except Christmas** (1957), onde desenvolvia um tipo de realismo que ia beber a sua inspiração ao documentarismo britânico dos anos 30, de John Grierson e outros. Do grupo dos "young angry men" do cinema britânico, Lindsay Anderson foi o último a entrar na longa-metragem, em 1963 com **This Sporting Life/O Jogador Profissional**. De certo modo o filme parece fugir às linhas orientadoras da sua obra documental (é caso para perguntar se a passagem pela televisão, antes daquela transição, onde se ocupou da realização de vários episódios da popular série *The Adventures of Robin Hood*, terá contribuído para essa inversão de rumo). Isto porque aquele filme, como toda a sua obra subsequente, oferece uma visão particularmente romanesca (por vezes trágica: **This Sporting Life**), fantasista ou pitoresca que se opõe claramente aos primeiros trabalhos.

Tomemos **If...**, por exemplo. O filme tornou-se famoso por várias razões, particularmente três: o tema, a forma e o tempo. No que se refere às duas primeiras, nada de novo vem de **If...**, primeiro a vida no interior de um colégio de adolescentes, com as suas cumplicidades e contestações a uma disciplina que, para uns (os alunos) era severa e ditatorial, para outros (os docentes), era a disciplina necessária para formar cidadãos úteis à sociedade. É claro

que nem uns nem outros estavam inteiramente errados nem totalmente certos, mas no que se refere ao cinema a questão já vinha de longe, tanto no cinema americano (**Tom Brown's Schooldays**, etc., etc.) como no europeu (o incontornável **Zéro de Conduite**, de Jean Vigo, filme de que se encontra alguma influência no de Lindsay Anderson). O que terá surpreendido, antes de mais, o espectador, foi a conclusão, que era resultado de um olhar desencantado sobre um mundo e uma sociedade que pareciam fechar-se sobre si mesmos, e de que a única saída parecia ser a revolta armada, eco do que acontecia com o então chamado "Terceiro Mundo" em revolução. A forma surpreendeu também bastante os cinéfilos, com a sua alternância de preto e branco e cor, para a exposição de um olhar mais ou menos onírico (no primeiro caso: os jogos eróticos de Malcolm McDowell com a rapariga no café da estrada, e outras cenas mais ou menos fantasistas) e para o olhar sobre a "realidade", que, no fim de contas, corresponde também a uma "transformação" romântica dos heróis e das acções (a revolta final). Mas foi o tempo em que o filme apareceu que mais contribuiu para a sua notoriedade. O filme estreou-se em 1968, um ano que ficou marcado na História pela revolta estudantil, que passou a outros sectores da sociedade, em França, acontecimento que era parte de um fenómeno de contestação e revolta mais amplo, que se manifestava também em Itália, na Alemanha, nos Estados Unidos e até (apesar da repressão) entre nós. Os espectadores viam (queriam ver?) no filme uma espécie de "antecipação", ou "celebração" do movimento estudantil.

Passada a "novidade" podemos interrogar-nos se o filme merece a fama que teve e justificou a polémica. Pessoalmente creio que não. Do ponto de vista provocativo e revolucionário (se assim quisermos interpretá-lo) **If...** não tem a forma nem o fulgor do **Zéro de Conduite**, nem mesmo a manifestação lúdica do belíssimo **The Happy Years**, de William Wellman, sendo, pouco mais ou menos, o antepassado de outros filmes do género também sobrevalorizados como **Dead Poet's Society/O Clube dos Poetas Mortos**, de Peter Weir. Mais, **If...** segue uma tradição "escolar" que vem dos tempos da sociedade vitoriana. O que o filme de Anderson tem de "contestatário" é apenas anedótico e superficial, no fundo é uma obra profundamente conservadora (a "revolta" é, para a sociedade, uma espécie de "sonho mau" de que se acorda, situando-se, por isso, estrategicamente, no final do filme, não dando, por um lado, respostas, e, por outro, coincidindo com o acender das luzes da sala e o regresso do espectador à "sua" realidade). Daí que a escolha do título seja bem sugestiva, remetendo para a obra do cantor do império britânico e da educação vitoriana: Rudyard Kipling. Mais do que o poema, que foi "oração" de cabeceira de algumas gerações, e que no filme aparece ironicamente conotado, o que **If...** recorda são as histórias de Kipling sobre os jovens estudantes seus colegas no Westward Ho!, no Devon, colégio semi-militar (como o de **If...**) onde ele se encontrou durante algum tempo, e que reuniu no volume "Stalky & Co", que entre nós foi publicado com o título de "Três como Tantos". Aparte a "necessária" denúncia da violência e tacanhez de espírito sem o qual o filme não poderia aguentar-se, todo o resto (mesmo a "revolta", manifestação de voluntarismo juvenil) não é mais do que utilização dos temas mais convencionais do cinema do género. A provocação de **If..** resume-se a "épater le bourgeois".

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico